

Rio, 26/1/07,

Fundamentos de antropologia, R. Yepes Stork e J. Echevarria

Cap. 2, Razão e sentimentos

Humanitas: vamos tentar entender um pouco mais sobre o homem, através de uma reflexão filosófica.

Antropologia filosófica: diferente da anatomia / fisiologia. Diferente do positivismo. Diferente da antropologia materialista de origem mais ou menos marxista.

Ponto de partida: filosofia grega/helenística e a cultura. Vamos procurar criar uma estrutura filosófica e ir ilustrando o funcionamento deste sistema através de exemplos da literatura, da música, da própria filosofia etc.

É só um modelo. Velho e bom. Nada mais do que isso. Outros modelos são proponíveis, e efetivamente o foram. De qualquer modo, o modelo antropológico aristotélico, nossa base, é um sistema que se baseia, como em toda a filosofia aristotélica, na observação das coisas tal como elas se apresentam aos sentidos. O chamado realismo. Ao mesmo tempo, é um sistema aberto, que permite todo tipo de contestação e aperfeiçoamento sem ruir minimamente, mas mais propriamente se reforça com a contestação das suas proposições.

Uma observação importante, para nós. Não vamos entrar aqui no mérito dos substratos neurofisiológicos do comportamento, da inteligência, dos sentidos e mesmo dos sentimentos.

Evidentemente, tais processos fisiológicos estão implícitos em tudo o que estamos falando aqui, e de maneira nenhuma negados. Por uma questão metodológica não vamos entrar nessa problemática. Nossa exposição será de caráter filosófico.

Modelo aristotélico do homem

Antes de mais nada, podemos afirmar sem muita dúvida que somos seres vivos. Essa é uma característica fundamental do nosso ser, que compartilhamos com todos os outros seres vivos.

Mas surge de cara um problema: para o ser vivo, viver é ser. Um cachorro morto não é um cachorro, mas um cachorro morto. Um homem morto é um cadáver. Entretanto, nós deixamos de ser quando morremos para a vida biológica?

Aristóteles enumera várias características do vivente, que são interessantes:

- Capacidade de auto mover-se, sem precisar de um agente externo que o mova.
- Unidade: se dividirmos uma pedra, temos duas pedras. Se dividirmos um gato, não temos dois gatos.
- Imanência: existência de um mundo interior, e as ações que o ser vivo realiza possuem uma repercussão neste mundo. O cachorro come e fica satisfeito.
- A vida como processo no tempo longo: o ser vivo nunca está acabado, estático. Existe sempre uma curva vital de nascimento, crescimento, ápice, reprodução, decadência e morte.
- A vida como processo no tempo curto, ciclos vitais: a curva da vida se realiza através de processos cíclicos que vão desde microssegundos a décadas.

Estas características se aplicam essencialmente a todos os seres vivos. Pode-se porém propor uma gradação entre os diferentes seres vivos, utilizando algum critério. Aristóteles usa o *grau de imanência*: capacidade e a qualidade das coisas que cada ser vivo consegue reter em si. Desde a água e os nutrientes da planta até a gratidão em relação ao amigo.

Pode-se falar em três grandes graus vitais. Os graus superiores contêm as características dos inferiores, acrescentando outras.

1. Vida vegetativa (plantas): há 3 funções principais nutrição, crescimento, reprodução. Capacidade de transformar o inorgânico em orgânico. Cada indivíduo tem pouca importância em relação à espécie. Em geral não se dá nomes próprios às plantas. Gostaria de te apresentar o meu repolho Carlos Fernando.

2. Vida sensitiva (animais): anterior + resposta mais ou menos elaborada aos estímulos sensoriais. A resposta é não modificável, requer estímulo sensorial, realiza fins específicos e da espécie.

3. Vida intelectual (seres racionais): os anteriores + vida intelectual. Entre o estímulo e a resposta existe uma instância deliberativa superior. No que consiste essa instância: cérebro? Mente? Espírito? Todas as anteriores? Nenhuma das anteriores? De qualquer maneira, o grau de imanência é potencialmente muito alto. Fins muito pessoais, eventualmente bastante distintos dos da espécie.

Quer dizer: o ser racional é pessoa, muito mais do que indivíduo de uma espécie. É livre para escolher o seu fim e buscar os meios que achar mais adequados para atingi-los. No homem a biologia e o pensamento estão num certo "pé de igualdade", ainda que uma dependa da outra. Quanta gente perde sua vida biológica por pensar mal nas suas ações? Como filosofar com a barriga vazia?

Não se tratam de duas realidades opostas e justapostas, *res cogitans* e *res extensa*, como na filosofia de Descartes. Ou o corpo (soma) o túmulo da alma (psique). Um princípio mau contra um bom, maniqueu. Mas uma unidade, misteriosa é verdade. A alma não é um ghost in the machine, mas um princípio que gera o próprio ser do homem, *junto* com o corpo, funcionando junto com o

corpo. Não se pode falar em ações exclusivamente anímicas ou corporais. A dor de dente atinge a alma, e a ansiedade produz HCl.

Outros acham que só existe a res extensa, os materialistas. Neste caso, todas as operações “anímicas”: decisões, vontades, sentimentos etc. seriam manifestações neurofisiológicas apenas. Não existe liberdade, não existe amor. Psicanálise freudiana.

O grande elemento vital é a chamada alma, aquilo que faz com que o ser vivo seja vivo e não corpo, um cadáver, um resto.

Qualquer ser vivo, pelo fato de sê-lo, possui certo grau uma alma. Uma planta de verdade é diferente de uma planta de plástico, ou uma planta morta. O que as diferencia chamamos alma: o princípio vital.

Para o homem, a alma é não só princípio vital, mas pessoal. Capaz de vida intelectual, e costuma-se chamar a alma humana de espírito. Existe no homem uma imaterialidade: de pensamentos, sentimentos, personalidade, cultura etc. que são essencialmente imateriais, ainda que fortemente relacionados de um modo ou outro à matéria.

A alma é a forma, ou essência do corpo: aquilo que faz com que aquele ser seja o que é, isto é, um ser vivo assim assado. Alma e corpo, ou espírito e corpo no caso humano, são dois princípios indissociáveis do ser.

Assim, não existe alma se corpo, ou uma mesma alma que sirva para vários corpos. Problema da metempsicose, no caso humano (é uma doutrina oriental, muito distante da filosofia grega ocidental. O Kardec simplesmente requeitou dando uma aparência pseudo-científica, de ectoplasmas e coisas do gênero.

Sentidos

Esta alma possui uma interface com o mundo, interface esta que faz parte do corpo, que são os sentidos: “nihil est in spiritus quis non prius fuerit in sensus”

A alma é capaz de se informar a partir dos seres externos, sem deixar de ser ela mesma. De certa maneira, através do *conhecimento* ela pode *ser* todas as coisas. “os sentidos recebem a forma sensível das coisas sem alterar a sua matéria” (Aristóteles, De Anima).

Existe uma gradação dos sentidos, em termos da elaboração que fazemos deles

- Sensação: os 5 sentidos. Captam os *acidentes*, ou aspectos mais externos das coisas.
- Percepção: Síntese sensorial das sensações, que permitem distinguir um objeto.
- Imaginação: capacidade de abstrair os aspectos específicos dos seres particulares, formular uma representação mental desses seres e realizar operações mentais com os mesmos, atribuindo eventualmente atributos

meramente imaginativos: a praia, o carro ou a mulher dos sonhos. Base da metáfora, da ficção e da fuga da realidade.

- Avaliação: relacionar uma realidade exterior comigo mesmo. Isso é legal, mas não é para mim... Foge que o bicho tá pegando para o meu lado. Esse cara tem uma aparência suspeita.

- Memória: transforma as sensações, percepções etc. numa história pessoal, num self, numa identidade. E num conjunto de relações estáveis com outras pessoas e com a comunidade.

Cap. 3 O intelectual e o sentimental

Pensamento e linguagem

Fenômeno que indica o pensamento: linguagem

+ sentimentos, que não são propriamente racionais, mas que se relaciona com a razão

= o que há de especificamente humano.

Importância da harmonia entre essas dimensões – bom funcionamento da vida como um todo

Linguagem: um método exclusivamente humano, não instintivo, de comunicar idéias, emoções e desejos, por meio de um sistema de símbolos produzidos de maneira deliberada.

Características da linguagem humana:

- É uma realidade cultural, não instintiva. Falar é natural, mas a linguagem que se fala não é.

- A relação entre o sinal e a mensagem é arbitrária, não icônica nem necessária: os homens podem transmitir situações sem vivê-las (ficção)

- O número de mensagens da linguagem humana é ilimitada (animais não)

- A linguagem cria a comunidade, é social.

- Expressa pensamento, ocorre simultaneamente ao pensamento. Não existe linguagem humana sem pensamento (ainda que as vezes a gente fala sem pensar...)

Características do pensamento

- 3 operações do pensar: abstração, juízo e raciocínio

- Infinitude

- Alteridade: posso pensar em um outro sem qq relação comigo

- Mundaneidade: contexto; penso nas coisas e nas suas relações com as outras coisas e com o todo
- Reflexibilidade: conhecimento de si
- Imaterialidade: simultaneidade entre o processo e o resultado, dinâmica de ordem 0 entre o pensamento e o ser pensado
- união com a sensibilidade
- Universalidade: capacidade de trabalhar com conceitos universais, “desencarnados” dos seres concretos.

Vontade

Conceito aristotélico: a vontade é a inclinação racional para o bem, sendo bem aquilo que nos convém.

(é uma definição singela, mas muito precisa...)

Analogia: sensibilidade gera o desejo e o impulso; o intelecto gera a vontade

- É tão aberta quanto o pensamento
- Deseja-se o que se conhece, e se conhece a fundo aquilo que se deseja: estreita união entre inteligência e vontade.
- Na ação **voluntária** a vontade se plasma na conduta. Uma ação voluntária é uma ação consciente, uma ação minha. Eu sei o que eu quero e procuro fazê-lo.
 Isso implica na *responsabilidade*, pode-se pedir contas da ação.
 E isso se relaciona com a *liberdade* e com a *ética*, o que será visto mais para a frente.

“En la esfera moral, es la voluntad quien posee la última palabra; aquí, lo que cuenta por encima de todo, es nuestro centro espiritual libre. El verdadero yo lo encontramos primariamente en la voluntad. Sin embargo, en muchos otros terrenos, es el corazón, más que la voluntad o el intelecto, el que constituye la parte más íntima de la persona, su núcleo, el yo real. Esto sucede así en el ámbito del amor humano: el amor conyugal, la amistad, el amor filial y paterno. Aquí, el corazón es el verdadero yo no sólo porque el amor es esencialmente una voz del corazón; lo es también en la medida en que el amor apunta de un modo específico al corazón del amado. El amante quiere verter su amor en el corazón del amado, quiere tocar su corazón y llenarlo de felicidad. Sólo entonces sentirá que ha logrado llegar al verdadero yo de su amado.”
 D. v. Hildebrand, El corazón, Ed. Palabra, 1997 pg 133

Sentimentos

Mistura intelecto+vontade+instintos

É distinto do intelecto e da vontade, mas estão estreitamente relacionados com eles.

Pacote: afetos, sentimentos, emoções, paixões

É uma questão extremamente importante: condicionam fortemente as situações anímicas que separam ou juntam as pessoas, movem à ação ou à inação, que refletem um estado de *felicidade* anímica ou de infelicidade, etc.

Vamos fazer aqui uma análise filosófica/fenomenológica, sem entrar no mérito dos fenômenos neurofisiológicos envolvidos no processo: vias ascendentes e descendentes, respostas fisiológicas autônomas ou somáticas, núcleos do tálamo, sistema límbico, hipocampo, córtex frontal etc.

É fundamental estudar os sentimentos para entender o homem e poder ajudá-lo, e saber distingui-los do que é inteligência e vontade: problema do homem contemporâneo sobre a distinção entre o eu sinto, eu gosto, eu quero, eu sei que é bom mas não gosto, eu gosto mas eu sei que não é bom, eu não sei se é bom, eu não sei se eu gosto, eu não sei se eu quero etc etc.

Não é fácil:

...de tritezas nam se pode contar nada ordenadamente, porque desordenamante acõntecem ellas.

Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão, apud Sérgio Buarque de Holanda, Raízes do Brasil, 26a. ed., 1995 pg. 116 nota 32

Seqüência causal dos sentimentos:

Etapa	Processo			
1	Objeto desencadeante e suas circunstâncias	Rotweiller solto no corredor de casa	Avistar cerveja gelada, no Rio, com 40° C	Despertador às 5:30h da manhã
2	Emoção ou perturbação anímica	Medo	Desejo de beber, sede incontida	Sono Ódio Preguiça
3	Alterações orgânicas ou sintomas físicos	Freqüência cardíaca	“água na boca”	Acordar (fazer o quê?)
4	Conduta ou manifestação	Fugir	Comprar a cerveja e beber ou não, se estiver trabalhando	Sair da cama Ou continuar dormindo ou ligar o snooze

Problema: o objeto desencadeante do sentimento não é localizável: angústia – genérico, não localizável, inevitável

A diferenciação entre o tipo de sentimento (genericamente considerado, sem distinguir com precisão do afeto, da emoção etc.) em cada situação requer distinguir as 4 etapas acima.

Os sentimentos indicam se a realidade coincide ou não com as nossas tendências, com aquilo que objetiva e principalmente subjetivamente valorizamos. Por isso, os sentimentos são capazes de transmitir informações racionais não muito explícitas: não estou gostando disso.... Isso “cheira” mal.... Que pessoa simpática!

Tristeza: aversão ou rejeição a um mal presente enquanto sentido. Desarmonia entre as nossas tendências e a realidade das coisas.

Sentir:

Sinto uma pedra no sapato
Me sinto bem (plenitude vital)
Sinto pena do pobre

Não se pode confundir *sensações* com *sentimentos*, para não empobrecer o universo afetivo.

Sensação: corporal, transitória

Sentimento: pessoal, contextual, gera conduta, pode se distender no tempo

Qualificação dos sentimentos

Isso é apenas um modelo. A realidade das coisas é muito mais misturada e complicada. Existe ainda um forte componente do tipo de personalidade, da educação recebida, das neuras, das experiências vitais e tudo o mais.

Não existem sentimentos puros, estão sempre encarnados em homens ou mulheres (sentem de maneira bem diferente) reais. Nem no mundo das idéias do Platão.

Distinção 1: Desejo ou apetite concupiscível: inclinação para possuir o bem
Amor

Bem futuro: desejo
Bem presente: prazer

Impulso ou apetite irascível: inclinação para vencer os obstáculos que atrapalham a posse do bem

Ódio

Mal futuro: fuga
Mal presente: dor ou tristeza

Esperança: existe a possibilidade de afastar os obstáculos e alcançar o bem

Desespero: bem inatingível

Temor: deparar-se com mal inevitável

Audácia ou temeridade: deparar-se com mal evitável

Ira: enfrenta e rejeita o mal presente

A questão de fundo gira em torno dos grandes sentimentos de amor e ódio. Mais, em torno do amor. O ódio aparece quando algo se interpõe entre nós e aquilo que amamos.

O amor tende ao objeto amado, cuja posse é o *fim*. A posse do fim gera o gozo. É como se aquele movimento sentimental cessasse. Um processo anímico que se encerra, apesar da memória (um problema extremamente interessante).

A menos que esse fim não se cumpra, dando lugar à ira e à vingança, que muitas vezes conduzem à tragédia (Rigoleto, Medeia de Eurípides (mata os próprios filhos para se vingar do marido infiel))

Mas eu estava fora de minha bainha
J.G.Rosa, Grande Sertão

Os sentimentos (inclusive as paixões) são componentes positivas do ser do homem. Eles potencializam um grande número de ações moralmente boas, e de modo algum devem ser *silenciados*, e sim *educados*:

Ou expulsamos de nós a alma de derrota ou nem vale a pena competir mais. Com uma humildade assim abjeta (sem sentimentos), ninguém consegue nem atravessar a rua, sob pena de ser atropelado por uma carrocinha de chica-bom. Nelson Rodrigues, Manchete Esportiva, 19/5/1956

O positivismo ético Kantiano, que estabelece a *norma* como único critério de moralidade, é profundamente desumano. Isso dá pau, tanto do ponto de vista psicológico (repressão) quanto social (aborto e várias formas de legalismo).

Sentimentalismo e harmonia dos sentimentos

Por outro lado, os sentimentos não podem ser os guias únicos das nossas ações, nosso norte. Isso é o chamado sentimentalismo, onde os sentimentos transcendem o âmbito que lhes compete, extravasa, e toma o lugar que deveria ser tomado pela inteligência e pela vontade. Essa é toda uma temática muito interessante: o famoso “Amicus Plato, sed magis amica veritatis”. Pensar com a cabeça de baixo quando a de cima é quem deveria decidir.

Um dos temas mais interessantes nesse problema da interferência de âmbitos entre a inteligência, a vontade e os sentimentos é o problema do ateísmo:

Chesterton: Ninguém nega a Deus se não tiver *interesse* em que ele não exista...

E de um modo geral em toda ordem moral. Por exemplo, como definir ontologicamente, metafisicamente, a diferença entre um feto e uma criança recém-nascida, com relação ao problema do aborto? Por que um infanticídio de um neonato APARENTA ser muito mais grave do que um aborto? Entre outros motivos, pelo próprio SENTIMENTO da mãe com relação à criança que ela tem nos braços, que ela vê. Este sentimento é excelente, mas filosoficamente, existencialmente, a diferença entre o feto e a criança não se define de maneira assim tão clara....

Por outro lado, o domínio racional e volitivo dos sentimentos é algo complicado. Platão fala de um gato domesticado que de repente se volta contra nós. Aristóteles fala, com muita razão, de um domínio político sobre os sentimentos, como indivíduos livres de uma sociedade que precisamos governar, e que às vezes precisamos educar e ensinar, outras punir, outras estimular. De algum modo, os sentimentos têm uma certa autonomia em relação ao nosso ser (sistema nervoso autônomo: bate mais forte o coração, estraga o fígado, embrulha o estômago etc.)

Quer dizer, os sentimentos se misturam com a inteligência e a vontade, sem que tenhamos muito controle:

Laura Pausini, La Solitudine

Marco nel mio diario ho una fotografia
 Hai occhi di bambino un poco timido
 La stringo forte al cuore e seno che ci sei
Fra i compiti d'inglese e matematica

Ainda que às vezes os sentimentos são os motores da vontade:

La costruzione di un amore, di Ivano Fossati,

da La Pianta Del Te' - CBS 1988

La costruzione di un amore
spezza le vene delle mani
mescola il sangue col sudore
 se te ne rimane

La costruzione di un amore
 non ripaga del dolore
 e' come un altare di sabbia
 in riva al mare

Sentimentos e situações problemáticas

Muitas vezes, problemas de ordem psicopatológica, moral e comportamentais têm sua gênese em algum sentimento mal resolvido:

“A causa de todas as doenças, sejam físicas, sejam psíquicas, é a impotência de sentimento. Desde o câncer no seio até a brotoeja, tudo é falta de amor.

Nelson Rodrigues

(não me refiro a doenças psiquiátricas com base claramente fisiológicas, endógenas como algumas depressões, transtorno bipolar, esquizofrenia etc.):

Medo de errar: timidez

Medo de engordar e da opinião alheia sobre o próprio corpo: anorexia

Medo da traição: ciúmes

Medo da morte, da solidão, da doença: fobias diversas

Medo do bicho papão, do indefinido: depressão

Ânsia de prazer ou de escapismo: várias formas de adicção

Marvada pinga – Tônico e Tinoco

Com a marvada pinga

É que eu me atrapaio

Eu pego no copo e já dou meu taio

Eu chego na venda e dali não saio

Ali memo eu bebo

Ali memo eu caio

Só pra carregar nunca dei trabaio

Quer dizer, os sentimentos possuem autovalores reais positivos, e devem ser controlados devidamente, senão toda a dinâmica psíquica vai para o brejo.

Por outro lado, eles não são totalmente controláveis (matriz de controlabilidade singular) e não observáveis. Muitas vezes nem mesmo sabemos exatamente o que estamos sentindo “me dá uma coisa assim”.

Por exemplo, às vezes conhecemos uma mulher, não só bonita, mas fascinante. Simpática, inteligente, feminina (que nem a todas se pode aplicar completamente este qualificativo), que nos dá bola etc., e que faz como a Tina Turner, que “I was using my feminine attraction, on a typical man, on a typical man”. É difícil que um typical man como nós não se apaixone. Ok, não controlamos mesmo.

Por outro lado, podemos conhecer uma mulher que não é exatamente essa deusa do Olimpo que falávamos, mas nos apaixonamos do mesmo jeito. A famosa “química”.

Ao mesmo tempo, se o indivíduo é casado e se comprometeu para valer com outra mulher não pode permitir que isso aconteça, senão vai fazer um estrago desgraçado, vai ser um canalha.

Ou seja, apesar da afetividade não ser totalmente controlável, precisa se administrada, precisa ter barreiras além das quais ela não pode passar. Entre outras coisas, essa administração da afetividade passa pelo princípio fundamental de não dar bofeira. Não ser mané. Por que se o cara der mole o caldo entorna mesmo.

Outro problema são os sentimento negativos que não controlamos, como a dor moral: perda de um ente querido, uma desilusão amorosa, a traição, a saudade etc.,

Salmo 136

1. Às margens dos rios de Babilônia, nos assentávamos chorando, lembrando-nos de Sião.
2. Nos salgueiros daquela terra, pendurávamos, então, as nossas harpas,
3. porque aqueles que nos tinham deportado pediam-nos um cântico. Nossos opressores exigiam de nós um hino de alegria: Cantai-nos um dos cânticos de Sião.
4. Como poderíamos nós cantar um cântico do Senhor em terra estranha?
5. Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém, que minha mão direita se paralise!
6. Que minha língua se me apegue ao paladar, se eu não me lembrar de ti, se não puser Jerusalém acima de todas as minhas alegrias.

Há um conto do JGR chamado As Garças. É uma história triste etc, onde havia um casal de garças que morava numa fazenda, e uma das garças foi comida por um cachorro e por aí vai... E há uma passagem, depois que uma das garças morre, que o autor diz:

“O vôo da garça sozinha não era metade do das duas garças juntas: mas só o pairar da ausência, a espiral de uma saudade – com fundo no céu.”

ou que controlamos mais ou menos: a inveja, a ira, a vingança etc.

Tonico e Tinoco, João de Barro

O João de Barro pra ser feliz como eu
 Certo dia resolveu arranjar uma companheira
 Num vai e vem com o barro da biquinha
 Ele fez sua casinha lá no galho da paineira

Toda manhã o pedreiro da floresta
 Cantava fazendo festa pra'quela que tanto amava
 Mas quando ele ia buscar um raminho
 Para construir seu ninho seu amor lhe enganava

Mas neste mundo o mal feito é descoberto
 João de Barro viu de perto sua esperança perdida
 Cego de dôr trancou a porta da morada
 Deixando lá sua amada presa pro resto da vida

Hamelet, depois da aparição do Espectro do Rei

¡Ah, legiones celestiales! ¡Ah, tierra! - ¿Qué más?
 ¿Afiado el infierno? ¡No! - Resiste, corazón,
 y vosotras, mis fibras, no envejecáis
 y mantenedme firme. ¿Acordarme de ti?
 Sí, pobre ánima, mientras resida memoria
 en mi turbada cabeza. ¿Acordarme de ti?
 Sí, de la tabla del recuerdo borraré
 toda anotación ligera y trivial,
 máximas de libros, impresiones, imágenes
 que en ella escribieron juventud y observación,
 y sólo tus mandatos viviran
 en mi libro del cerebro, sin mezcla
 de asuntos menos dignos. ¡Sí, sí, por el cielo!
 ¡Ah, perversa mujer!
 ¡Ah, infame, infame, maldito infame sonriente!

Virtudes morais e harmonização dos sentimentos

Tudo isso precisa ser harmonizado, controlado na medida do possível, politicamente conduzido através das VIRTUDES MORAIS: prudência, temperança, fortaleza e justiça.

Da aquisição e prática dessas virtudes se consegue o sossego, a quietude, a paz interior, o autodomínio, a temperança. Isso não tem nada a ver com o cara que *reprime* os sentimentos.

O senhor atira bem, por que atira com o espírito. Sempre o espírito é que acerta...

JGRosa, G.Sertão, pg 97, apud H.V.Araújo pg. 304

Por certo, a raiz histórico-filosófica disso está em Platão e depois a teoria foi desenvolvida pela escola estóica. Não se trata de sermos estóicos, mas que eles deram uma contribuição deram. No helenismo (greco-judaico-cristão), tudo isso foi temperado com o mandamento da caridade.

“Realmente, la moralidad cristiana está permeada por una afectividad transfigurada que difiere fundamentalmente de cualquier afectividad natural. Pero esta diferencia no consiste en un menor ardor, ternura o afectividad. Se trata, por el contrario, de una afectividad sin límites, que desvela dimensiones del corazón nuevas y desconocidas: «Fuego he venido a traer a la tierra, y ¿qué he de querer sino que arda?» (Lc 12,49).

D. v. Hildebrand, El corazón, Ed. Palabra, 1997 pg 21”

Isso também não quer dizer que muitas vezes o homem precisa deixar barco correr mesmo, deixar o samba rolar. Deixar o santo baixar (no bom sentido), sentir os espíritos da floresta. Ficar perdidamente apaixonado. Os místicos,

como Santa Teresa ou S. João da Cruz, ou o Cântico dos Cânticos sabem o que é isso:

Ct 1, 2. - Ah! Beija-me com os beijos de tua boca! Porque os teus amores são mais deliciosos que o vinho,

3. e suave é a fragrância de teus perfumes; o teu nome é como um perfume derramado: por isto amam-te as jovens.

4. Arrasta-me após ti; corramos! O rei introduziu-me nos seus aposentos. Exultaremos de alegria e de júbilo em ti. Tuas carícias nos inebriarão mais que o vinho.

Ct 4, 9. Tu me fazes delirar, minha irmã, minha esposa, tu me fazes delirar com um só dos teus olhares, com um só colar do teu pescoço.

S. João da Cruz, Noche Oscura

El aire de la almena
cuando yo sus cabellos esparcía
con su mano serena
y en mi cuello hería
y todos mis sentidos suspendía.

Quedéme y olvidéme
el rostro recliné sobre el amado;
cesó todo, y dejéme
dejando mi cuidado
entre las azucenas olvidado.

Diferenças de caracteres

Além disso tudo, do problema dos sentimentos considerados como tais, há o problema da sua relação com cada tipo de personalidade. Cada pessoa individual reage de uma maneira, mas é possível agrupar mais ou menos alguns padrões de reação sentimental, ou de caracteres.

- a) apaixonado: paixão no que faz, mesmo que a tarefa não mereça tanto
- b) sentimental: sentimentos amplificados na recepção, não domina os sentimentos, pode ser instável
- c) Cerebral: fleumático, pode parecer desumano
- d) sereno: sentimento demora para vir, reflexivo
- e) amorfo, ou apático: não gosta de nada, não odeia nada. Vamos levando.

Indivíduos sem sentimentos

Existem indivíduos que padecem de uma patologia moral que é a “ausência de sentimentos”, no sentido de misericórdia ou atenção ao outro que a palavra sentimentos tem. Criminosos especialmente bárbaros, por exemplo.

En primer lugar, el corazón se halla necesariamente reducido al silencio en cualquier hombre que esté tan dominado por el orgullo y la concupiscencia que la moralidad no juegue ningún papel en su vida. De él podríamos decir con verdad que «no tiene corazón», se trate de Caín, de Yago, de Ricardo III, don Juan, o don Rodrigo en *Los novios* de Manzoni. Estos hombres no tienen corazón. Son ejemplos clásicos de personas cuya actitud ante la vida está dictada exclusivamente por el orgullo y la concupiscencia; personas a las que sólo importa una cosa: la gratificación de su orgullo y de su concupiscencia. En vano apelaríamos a sus corazones, intentaríamos suscitar su compasión o conmoverlos. No se trata de hombres afectivamente tullidos como el pragmatista utilitario, ni tampoco son víctimas de una hipertrofia intelectual. Poseen una fuerte afectividad oscura y salvaje, pero su corazón está muerto. Son incapaces de amar incluso en el sentido del amor que resulta válido en el reino de los valores vitales, como el amor de don José por Carmen. Son incapaces del calor de la *intentio benevolentiae* que todo amor supone. Pueden ser apasionados desde un punto de vista sexual, pero el amor es un mundo desconocido para ellos. (A este respecto es muy ilustrativo que Alberich, en el *Rheingold* de Wagner, sólo puede alcanzar el oro que le dará todo lo que desea si renuncia al amor, pero no se le pide que renuncie al placer sexual.) Están excluidos del amor porque el amor siempre requiere la donación del propio corazón, del corazón en su sentido más estricto. Estas personas son también incapaces de sentir auténtica tristeza. Tienen, ciertamente, todo tipo de sentimientos negativos: se pueden consumir de rabia o de ira y se les puede herir como a los animales salvajes; pueden estar destrozados por la más horrible falta de armonía o torturados por el temor. Pero no pueden sentir un verdadero pesar porque la auténtica tristeza, el sufrimiento que hiere el corazón implica la desaparición del orgullo y una entrega incompatible con su dureza de fondo.

D. v. Hildebrand

El corazón, Ed. Palabra, 1997 pg 1...

Diferença homem/mulher

É um assunto bastante complicado. A literatura, me parece, é a melhor forma de entender um pouco melhor essa problemática, a dos sentimentos femininos. É um tema muito muito complexo...

Minha prima Raquel, Daphne Du Maurier. Inglês jovem e ingênuo convivendo com uma balzaquiana italiana extremamente sedutora e experiente, mas como todas as mulheres altamente sentimentais.

Guerra e paz, do Tolstoi: Natasha, completamente apaixonada, faz um monte de besteiras, mas é fascinante, aprende com os erros etc. Sônia (prima da Natasha que vive com os Rostov) adorável, submissa e meio sem sal. Helena, primeira mulher do Pedro Bezukhov, fria, falsa, linda. Maria Bolkonskaya, santa, adorável, apaixonada, feia.

As mulheres podem também ser “pessoas sem sentimentos”, e nestes casos podem ser mais cruéis que os homens, por exemplo Jezabel, “filha de Etbaal,

rei dos sidônios, e chegou até a render culto a Baal” mulher de Acab, Rei de Israel, Livro dos Reis

Diferenças regionais, nacionais, históricas, sociais

Alemão: Dr. Fausto, Thomas Mann

Chinês: A boa terra, Perl Buck

Brasileiro: Macunaíma

Quer dizer, o problema é complexo. O que fazer?

- Deve haver uma proporcionalidade entre o desencadeador do sentimento (sua entidade), o sentimento em si e sua manifestação externa. Não pode haver nem falta (fleumático) nem excesso (sentimental).
- Primeiro passo, é saber olhar a realidade e vê-la como ela é. Com realismo, do contrário a frustração é inevitável. Em geral, essa percepção vem com o tempo, mas pode ser abreviada, ou pode não vir com o tempo.
- Saber o tamanho do caminhãozinho. Não adianta, nenhum de nós aqui vai conseguir conquistar a Gisele Bunchem, até por que não conseguiríamos sustentar as despesas. Dificilmente alguém aqui vai ganhar o Nobel. Não adianta ficar frustrado por não ganhar...
- Saber colocar metas exigentes, acima das nossas capacidades, mas não impossíveis. Do contrário, a frustração pode tirar o “tesão” da coisa.
- Saber ironizar os próprios erros e frustrações, relativizar os sonhos e metas. Manter a serenidade quando quebramos a cara e nos frustramos. Não chutar o balde. Saber perdoar.

O livro do Yepes propõe alguns princípios interessantes sobre a valorização dos sentimentos:

- a) nem todas as realidades merecem um elevado nível de sentimento:
 - temor, amor, apreço
- b) muitas realidades merecem sentimentos mais elevados do que temos em relação a elas
- c) Assim sendo, as coisas precisam ser valoradas ou re-valoradas convenientemente.

Como fazer uma valoração dos sentimentos, e de cada sentimento?

- Em geral, a duração é um indicador da elevação/profundidade de um sentimento, ao passo que a intensidade é menos significativa. Que homem ama mais uma mulher: aquele que tem uma paixão fulminante que depois de algum tempo se transforma em indiferença ou até repulsa, ou aquele é capaz de amar toda a vida, mesmo que daquela paixão fulminante pouco sobrou?

Como o indivíduo que “adora” um assunto e pede para ser orientado, mas não acaba a tese. Ama mais o que pega um tema mais ou menos mas que defende a tese. Amamos profundamente nossos pais (espero), mas nem por isso estamos em contínuos sobressaltos emocionais com relação a eles.

- Não tomar atitudes baseadas apenas no sentimento, mas numa atuação conjunta deles com a inteligência e a vontade. Do contrário, não existe liberdade (que é uma propriedade da vontade que se dirige ao bem que a inteligência – livre da própria vontade – mostra). Mas o homem é escravo dos sentimentos, dos estados de ânimo. Estou a fim não estou a fim. Não chega em lugar nenhum. É o infantilismo.

Manifestações exteriores dos sentimentos

Deve haver uma proporcionalidade entre as manifestações dos sentimentos, a intensidade e a importância de suas causas.

Um tema que sempre me intrigou é o futebol. Nada contra, muito pelo contrário. O indivíduo pode urrar como um condenado, bater, espernear, xingar, sofrer por causa de um jogo de futebol. Outra manifestação é o carnaval. Alguém é capaz de me explicar a gênese objetiva da euforia carnavalesca? Só por que o cara vai fazer montes de penitência na quaresma? Talvez isso tenha algo a ver com algum ritual de iniciação tribal, onde o indivíduo precisa mostrar um certo padrão de comportamento quase litúrgico para ser aceito no grupo social.... Não sei.

Existem dois grandes campos de manifestações dos sentimentos:

- Gestos e expressões corporais e faciais. Italiano mediterrâneo x mordomo inglês (ver, p. ex. Vestígios do Dia, Kazuo Ishiguro). Mãos, sombrancelhas, boca, movimentos de cabeça etc. que exprimem montanhas de sentimentos.
- Cultura: literatura, música, cinema, pintura etc. Deus nos livre de uma cultura sem sentimentos, deshumanizada. Orwell, 1984. Tudo cinza, prático, ascético.

Dinâmica afetiva e harmonia psíquica

Para tentar concluir esta parte, vamos tentar fazer uma síntese do que falamos até agora na perspectiva do que realmente é importante para o homem: ser feliz.

A felicidade, o conforto existencial, o fato de estar contente pelo fato de existir, é a grande questão.

Há correntes filosóficas que identificam a felicidade com a consecução plena de aspectos parciais da existência. Magali e a comida. Cascão e a segurança em relação à água etc. Hedonismo, consumismo, eugenia etc.

Evidentemente, se estávamos até aqui dissecando os diversos aspectos das funções anímicas humanas, inteligência, vontade, sentimentos, subdivisões, relações entre eles e tudo o mais, não concordamos com esta tese unilateral.

A questão fundamental, para nós, é que a felicidade pressupõe uma *harmonia* do ser humano, um *equilíbrio dinâmico* entre todas essas coisas, onde cada uma faz o seu papel da melhor maneira possível e sem querer tomar o lugar uma da outra.

Na filosofia grega a harmonia é talvez a principal nota da *beleza*. O nariz, a boca, os olhos, o cabelo. Se uma mulher tem um narigão do Cirano de Bergerac, ferrou. Só o Pintangui para dar jeito.

A harmonia da alma está intimamente relacionada à beleza das ações humanas. “Bonito, eim? Viu o que você fez? Viu?”

Todo o problema da ética é de certo modo um problema estético. E da mesma maneira que a beleza física pode produzir uma fruição, uma satisfação, o mesmo se pode dizer da conduta ética. Mas vamos ver isso mais para a frente.

Nesta síntese harmônica, quem deve mandar em todo o processo é a razão. Cum Logos, como dizia o papa Bento 16 no famoso discurso na Universidade de Ratisbona. A caca máxima é quando quem manda são os sentimentos, e a vontade e a razão se tornam instrumentos da satisfação sentimental do sujeito.

De qualquer maneira, podemos falar de uma harmonia *exterior* e *interior* do homem.

Exterior: necessidade de um (ou alguns poucos) princípio unificador, que dão sentido a todo o resto. Carreira profissional, formar uma família, o amor a Deus e ao próximo (não é à toa que na tradição bíblica, são os dois primeiros mandamentos de um conjunto de proposições éticas).

Interior: A nossa vida recebe um sem-número de influências externas, de elementos biológicos, genéticos, sociais, profissionais, nacionais, psicológicos, biográficos etc. que ele trás sempre consigo, não tem jeito. É o que o Yepes chama de *síntese passiva*, ou o *inconsciente* freudiano.

Para tentar que essas coisas estejam encaixadas de maneira harmônica, na vida de cada um, há essencialmente três linhas de ação:

a) Resposta técnica: ferramentas da psiquiatria e da psicoterapia. Propiciar à pessoa um ambiente adequado, lazer, relaxamento, convivência, etc.

Possibilidades: um indivíduo fisicamente são, que entra numa crise por problemas e traumas sentimentais mal resolvidos.

Ou o indivíduo que possui distúrbios psicológicos/psiquiátricos, e como conseqüência mostra uma distorção da percepção e dos sentimentos. Como o

sujeito depressivo que acha que as pessoas não gostam dele. É uma percepção inteiramente subjetiva, influenciada pela própria doença. Sem falar nas alucinações esquizóides etc.

De uma maneira ou de outra, esses recursos técnicos são perfeitamente válidos, mas não são a solução do problema. Como quase tudo na vida, a melhor coisa é trabalhar antes, na educação dos sentimentos, que vamos ver daqui a pouco.

b) Resposta racionalista/voluntarista

É estabelecer um conjunto de princípios ou código de conduta racional, ou buscar isso através da “ciência”, da lei etc.

A base desse tipo de posição é em geral de origem materialista. O santo laico. Marxismo, positivismo, cientificismo etc.

Tipicamente militar. Kant, Espinosa, alguns tipos de empresa capitalista.

Houve também uma influência desta mentalidade na educação católica, que em alguns tempos era um tanto repressiva, negativa, centrada no pecado e não na beleza da conduta boa. Hoje em dia essa mentalidade foi substituída pelo seu oposto, o vale tudo.

Evidentemente, essa mentalidade racionalista/voluntarista não funciona. As pessoas são humanas, e precisam estar contentes para trabalhar. Precisam fazer o gostam e gostar do que fazem. O verdadeiro líder é o indivíduo que consegue fazer as pessoas trabalharem contentes, isso é principal.

c) Humanismo clássico/cristão

É necessária uma *educação sentimental*. Algo que se faz primordialmente no seio da família (daí a importância desta instituição, mas este é um outro assunto), mas também na escola e nas comunidades religiosas.

Quer dizer: educação não é só de conteúdos objetivos, racionais, mas também da vontade e dos sentimentos. Uma educação que deve ser personalizada, em função das tendências inatas de cada um e de toda a síntese passiva. Por exemplo, um indivíduo tímido deve ser educado para se soltar, o colérico para controlar a sua ira, etc.

Esse processo pedagógico deve ter necessariamente uma dimensão dialogal. O educador precisa aprender a ser uma pessoa receptiva, e o educando a se abrir, manifestar seus sentimentos. Até como uma catarse, por que a vida é dura, os problemas são complexos.

Cálice, Gilberto Gil e Chico Buarque

Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor, engolir a labuta

Mesmo calada a boca resta o peito.

Neste sentido, o sacramento da confissão tem um caráter altamente pedagógico e psicológico, além do teológico.

Tudo isso que estamos falando possui também um eixo no tempo. Podemos dizer que existe uma dinâmica e uma história dos sentimentos na vida de cada pessoa.

Uma dinâmica de prazos relativamente curtos: por exemplo, todos sabemos que um homem pode se apaixonar perdidamente por uma mulher, e depois de um tempo aquela paixão é uma recordação no fundo do baú. Ficamos bravos e depois acalmamos.

É uma grande sabedoria perceber esses ritmos vitais, essas constantes de tempo dos sentimentos, e saber esperar, e quanto esperar, para que as nossas impressões sobre as coisas se estabilizem, e as enxerguemos com objetividade.

Ou o indivíduo que não tem capacidade de esquecer, que é fundamental para a felicidade. Problema da incapacidade de perdoar, do ressentimento; o sujeito que permite que o seu “inimigo” tome conta do seu mundo interior. Mau negócio.

Ao mesmo tempo, as decisões que tomamos ao longo da vida condicionam a nossa biografia, nossa história e evidentemente o nosso presente. Decisões baseadas apenas em sentimentos passageiros podem fazer muito estrago nas nossas vidas a longo prazo.

Suzanna Tamaro, *Vá onde teu coração te mandar: história da vida de uma mulher idosa e doente*, e as consequências duras que resultaram de decisões equivocadas ao longo da vida, ou de usar pouco a cabeça e muito o coração.